

## DINAH SILVEIRA DE QUEIROZ: PRESEÇA NAS HISTÓRIAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Ana Cristina Steffen<sup>1</sup>

**RESUMO:** Dinah Silveira de Queiroz (São Paulo, 1911-1982), em uma carreira literária de mais de 40 anos, produziu uma vasta e diversificada obra. Apesar de ser mais conhecida por suas crônicas, a autora teve uma intensa produção de romances e contos, além de ter escrito uma biografia e uma peça teatral. Apesar da extensa obra e da ativa atuação no meio literário e cultural – a escritora exerceu também funções diplomáticas e teve papel fundamental para que fossem admitidas mulheres como integrantes da Academia Brasileira de Letras -, atualmente Dinah é pouco lida e estudada dentro da literatura brasileira. Seus livros mais recentemente editados datam dos anos de 2012 – *Verão dos infiéis* – e 2000 – *A muralha*. Antes desses, houve apenas algumas edições no começo da década de 1990. No que diz respeito à pesquisa, são escassos os estudos encontrados sobre a obra de Dinah, conforme pode ser comprovado, por exemplo, em busca no banco de teses e dissertações da CAPES. A partir de tais constatações, surge então o questionamento sobre a presença (ou não) de Dinah Silveira de Queiroz na história da literatura brasileira. Para isso, foram escolhidos 11 livros de referência que tratam do assunto e, dentre esses, foi identificada a presença da autora em 10 obras. Assim, o objetivo deste estudo é investigar como se dá o percurso da autora em tais obras, visando verificar como Queiroz se faz presente, e qual é a abordagem dada à sua literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dinah Silveira de Queiroz; Literatura brasileira; História da literatura.

**ABSTRACT:** Dinah Silveira de Queiroz (São Paulo, 1911-1982), in a literary career of more than 40 years, has produced a wide and diversified work. Although she is better known for her chronicles, the author had an intense production of novels and short stories, besides having written a biography and a theater play. Despite her extensive work and the active role in the literary and cultural field – the writer also exercised diplomatic functions and had a fundamental role for that the women were admitted as members of Academia Brasileira de Letras (Brazilian Academy of Letters) -, nowadays Dinah is little read and studied inside the Brazilian literature. Her most recently edited books date from the years of 2012 – *Verão dos infiéis* – and 2000 – *A muralha*. Before these ones, there were only some editions in the early 1990s. In relation to the research, studies found about the work of Dinah are scarce, according to what can be proved, for example, in a search in the bank of thesis and dissertations of CAPES. From such findings, arises the questioning about the presence (or not) of Dinah Silveira de Queiroz in the history of Brazilian literature. For this, there were chosen 11 books of reference that deal with the subject and, among these, it was identified the presence of the author in 10 works. Thus, the objective of this study is to investigate how it is the pathway of the author in these works, seeking to verify how Queiroz is present, and which is the approach given to her literature.

**KEYWORDS:** Dinah Silveira de Queiroz; Brazilian literature; History of literature.

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e respectivas Literaturas pela PUCRS (2017) de Porto Alegre-RS. Atualmente, aluna do mestrado em Teoria da Literatura pela mesma universidade, bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: ana.steffen@acad.pucrs.br.

A escritora paulista Dinah Silveira de Queiroz é, atualmente, figura pouco lembrada da literatura brasileira. Nascida em 1911, Queiroz publica seu primeiro livro, *Floradas na serra*, em 1939 – obra que, para surpresa até da própria autora, rapidamente esgotou-se nas livrarias (a edição mais recente, de 1993, conta como a 32ª). Por *Floradas*, recebeu, em 1940, o prêmio *Antônio de Alcântara Machado*, da Academia Paulista de Letras. A mesma obra ainda ganharia uma adaptação para o cinema, em 1954, com Cacilda Becker como protagonista, e uma adaptação para televisão, como minissérie, em 1991, na extinta Rede Manchete. A publicação seguinte da escritora foi a coletânea de contos *A sereia verde*, em 1941. A partir daí, Dinah teve uma carreira que transitou pelos mais diversos gêneros<sup>2</sup>, sendo interrompida apenas pela sua morte, em 1981. Como cronista, assinava as seções "Café da Manhã" e "Jornalzinho Pobre", pertencentes aos jornais cariocas *A manhã* e *do Comércio*, respectivamente, além de atuar como colaboradora nas rádios Nacional e do Ministério da Educação. Exerceu também funções diplomáticas, como a de Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Madri, para a qual foi nomeada em 1962. Cabe ainda recuperar a intensa atuação da autora para que fosse permitido o ingresso de mulheres na Academia Brasileira de Letras (ABL) – o que não era aceito desde a sua fundação, em 1897 - situação alterada apenas em 1977, com a entrada de Rachel de Queiroz. Dinah torna-se, em 1981, a segunda mulher a integrar a ABL.

Apesar da extensa obra e da intensa atuação no meio literário e cultural, atualmente Dinah é pouco lida e estudada dentro da literatura brasileira. Seus livros mais recentemente editados datam dos anos de 2012 – *Verão dos infêis* – e 2000 – *A muralha* - esta, por ocasião de uma adaptação como minissérie, produzida pela Rede Globo. Antes desses, houve apenas algumas edições no começo da década de 1990. No que diz respeito à pesquisa, são escassos os estudos encontrados sobre a obra de Dinah: uma busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por exemplo, indicou apenas 13 trabalhos sobre a autora, dois quais somente sete são da área de Letras – os demais, de áreas como Sociologia e Comunicação, não têm como objeto a literatura produzida pela escritora. A partir de tais constatações, surge então o questionamento sobre a presença (ou não) de Dinah Silveira de Queiroz na história da literatura brasileira. Assim, através da análise de 11 livros de referência, o objetivo deste estudo é investigar como se dá o percurso da autora

---

<sup>2</sup> Além das duas obras já mencionadas, são da autora: *Margarida La Rocque* (romance - 1949); *As aventuras do homem vegetal* (infantil – 1951); *A muralha* (romance - 1954); *O oitavo dia* (teatro - 1956); *As noites do Morro do Encanto* (contos - 1957); *Eles herdarão a terra* (contos de ficção científica - 1960); *Os invasores* (romance - 1965); *A princesa dos escravos* (biografia da Princesa Isabel Cristina Leopoldina de Bragança - 1966); *Verão dos infêis* (romance - 1968); *Comba Malina* (contos de ficção científica - 1969); *Café da manhã* (crônicas - 1969); *Seleto* (org. sel. e notas de Bella Jozef - 1974); *Eu venho, Memorial do Cristo I* (romance - 1974); *Eu, Jesus, Memorial do Cristo II* (romance - 1977); *Baía de espuma* (infantil - 1979); *Guida, caríssima Guida* (romance - 1981).

em obras que tratam da história literária do país, visando verificar se e como Dinah se faz presente, e qual é a abordagem dada à sua literatura.

A muralha - esta, por ocasião de uma adaptação como minissérie, produzida pela Rede Globo. Anteriormente à publicação dessas obras, foram identificadas apenas algumas edições no começo da década de 1990. No que diz respeito a teses e dissertações, são escassos os estudos sobre Dinah: uma busca no banco dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) indicou apenas 13 trabalhos sobre a autora, dois quais somente sete são da área de Letras – os demais, de áreas como Sociologia e Comunicação, não têm como objeto a literatura produzida pela escritora. O número de artigos em publicações científicas também é baixo: uma pesquisa não exaustiva apontou somente sete trabalhos mais recentes. A partir das constatações até aqui expostas, surge o questionamento: Dinah Silveira de Queiroz está presente nas histórias da literatura brasileira? Para responder a essa questão, foram analisados 11 livros de referência para a historiografia literária do país, visando investigar como ocorre - e se ocorre - o percurso da autora nessas obras, assim como verificar qual é o tratamento destinado a sua literatura.

## 2. A presença de Dinah

A escolha das histórias da literatura foi pensada de modo a abarcar obras publicadas em diferentes épocas, sendo que a mais antiga (considerando o ano da primeira edição) data de 1945 e a mais recente, de 2007. Para esta pesquisa, foram descartadas, obviamente, as obras escritas antes de ter início a atuação literária da autora, ou que não tratam do período temporal em que ela publicou – é o caso, por exemplo, de importantes obras como as de Antonio Candido - *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos* (1959) -, de José Veríssimo - *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908) (1916)* - e de Lucia Miguel Pereira - *História da literatura brasileira: prosa de ficção - de 1870 a 1920* (1950). Os livros aqui analisados são (citados conforme o ano da primeira publicação, do mais antigo para o mais recente<sup>3</sup>): *Breve história da literatura brasileira* (1945), de Erico Verissimo, *Quadro sintético da literatura brasileira* (1956), de Alceu Amoroso Lima, *Introdução à literatura no Brasil* (1959), de Afrânio Coutinho, *História concisa da literatura brasileira* (1970), de Alfredo Bosi, *História da inteligência brasileira – Volume VII* (1979), de Wilson Martins, *História da literatura brasileira – Volume III – Modernismo* (1989), de Massaud Moisés, *A literatura brasileira: origens e unidade* (1999), de José Alderaldo Castello e *História*

---

<sup>3</sup> Nesta pesquisa, somente em alguns casos foi utilizada a primeira edição da obra.

*da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade* (2007), de Carlos Nejar. Foram incluídos também dois autores não brasileiros: José Osório de Oliveira, com *História breve da literatura brasileira* (1939), e Luciana Stegagno Picchio, com *História da literatura brasileira* (1972). Cabe ainda citar a consulta feita à obra *História da Literatura Brasileira* (1955), de Antonio Soares Amora, na qual Dinah não é citada, logo não constará na análise a seguir.

Erico Verissimo (1995), que cobre em seu livro somente até o ano de 1944, cita Dinah no capítulo denominado “A colcha de retalhos” – metáfora para as diferentes regiões que formam o Brasil –, em que trata do moderno romance brasileiro. Em um parágrafo em que destaca o enriquecimento da literatura escrita por mulheres, menciona o então recente bem-sucedido lançamento da autora, *Floradas na serra* - romance “aprazível”, conforme Verissimo – ao lado de obras como *Navio sem porto*, de Lia Corrêa Dutra, *Éramos seis*, de Maria José Dupré e *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector.

Alceu Amoroso Lima (1959) cita a escritora em dois momentos: primeiro, no capítulo dedicado ao Modernismo, compreendido pelo o autor como o período de 1920 a 1945. Ao tratar dos romancistas deste período, originários de São Paulo, Lima afirma: “Os romances da Sra. Leandro Dupré e os da Sra. Diná Silveira de Queirós<sup>4</sup>, desde *Floradas na Serra*, o ensaio de 1949, até a plenitude *Margarida La Roque* e *A Muralha* (1954), contam entre os mais apreciados dessa restauração, bem como os de Afonso Schmidt, também ensaísta” (LIMA, 1959, p. 89). A “restauração” referida pelo autor seria um ressurgimento de escritores após uma crise político-social que teria afetado as atividades culturais da cidade.

Posteriormente, ainda da obra de Lima, no capítulo intitulado “Neomodernismo (1945-19..)”, há um subcapítulo de considerações finais em que o autor apresenta “três notas” que diferenciariam o Modernismo do Neomodernismo: a importância da contribuição feminina; o interesse pelo teatro; e a ausência de um nome coletivo. Na primeira das notas, o autor aponta que a fase inicial do Modernismo literário teve uma escassa participação feminina. Isso porque, segundo ele, “o meio ainda não favorecia as vocações literárias femininas, que sempre houvera, mas por exceção” (LIMA, 1959, p. 152). Por outro lado, no que o autor chama de “segunda geração” do Modernismo, iniciada por volta de 1930, Rachel de Queiroz e Cecília Meireles teriam sido marcos a partir dos quais a literatura produzida por mulheres se consolida. Ainda nessa nota é quando novamente surge o nome de Dinah, colocado entre “as grandes escritoras

---

<sup>4</sup> Ao longo deste trabalho foram preservadas nas citações diretas as grafias dos nomes dos autores e dos títulos dos livros, conforme constam nas obras citadas.

do modernismo”, como Lucia Miguel Pereira, Carolina Nabuco, Henriqueta Lisboa, dentre outras. Mais adiante na nota, Lima mais uma vez menciona a autora:

Os nomes que estou citando ao acaso e de valor literário desigual, apenas para mostrar o número crescente de mulheres escritoras que caracteriza a fase mais atual de nossas letras – não representam apenas figuras de proa ou de literatura amadorística. Há entre eles, autênticas escritoras, algumas já de renome internacional, como Raquel de Queirós, Cecília Meireles, Diná Silveira de Queirós, Carolina Nabuco, autora da biografia da vida de seu pai, o grande Joaquim Nabuco, Lúcia Miguel-Pereira, autora das duas famosas biografias de Machado de Assis e Gonçalves Dias, Adalgisa Neri, Henriqueta Lisboa, Lúcia Benedetti, ou Clarice Lispector, romancista de excepcional originalidade, em *Perto do Coração Selvagem* (1943), *O Lustre* (1946), e *Cidade Sitiada* (1949). Nunca houve coisa igual em toda a história das nossas letras. É um fenômeno totalmente novo, que, aliás, coincide também, como no caso da crítica, embora de modo mais indireto, com a fundação das Faculdades de Filosofia e Letras. É, pois, um traço característico do neomodernismo, já iniciado na segunda e precipitado na terceira fase do modernismo, mas, nem por isso, menos contrastante com a masculinidade absolutamente dominante do modernismo, especialmente no início (LIMA, 1959, p. 153-154).

Afrânio Coutinho (1980) não menciona nenhuma obra da autora. Apesar disso, coloca Queiroz dentre os escritores do que ele chama de *corrente nacional e regional* (COUTINHO, 1980) da ficção modernista. Além desta, haveria a *corrente subjetivista e introspectiva ou psicológica*” (COUTINHO, 1980) e, em cada uma das duas citadas, diversas subcorrentes. A subcorrente a qual a autora pertenceria, segundo Coutinho, é a neorrealista, “documentário urbano-social de cunho realista – preocupa sobretudo o registro da realidade simples, à custa da observação de problemas e costumes da vida urbana da classe média” (COUTINHO, 1980, p. 301). Além de Dinah, são incluídos, nessa classificação, autores como Erico Verissimo, Dyonélio Machado, Lygia Fagundes Telles e Oswald de Andrade.

Alfredo Bosi (1994), no oitavo capítulo de sua obra, denominado “Tendências contemporâneas”, cita a autora no subcapítulo “Da ficção ‘egótica’ à ficção suprapessoal”, fazendo referência a um dos livros de contos de Dinah. Afirma Bosi:

A descida ou, pelo menos, a alusão às fontes pré-conscientes da conduta cotidiana (matéria-prima da psicanálise embora, não raro, apenas ocasião da obra narrativa) constitui processo largamente difundido na prosa contemporânea. E, ainda dentro de um esquema tradicional de composição, essa tendência aparece em obras díspares como os contos de Dinah Silveira de Queiroz (*As noites do Morro do Encanto*, 1957), de Breno Acioli (*João Urso*, 1944; *Os cataventos*, 1962...), de Ricardo Ramos (*Tempo de Espera*, 1954), ou no romance de Reinaldo Moura (*Um Rosto Noturno*, 1946), de Ascendino Leite (*A Viúva Branca*, 1952), de Ledo Ivo (*As Alianças*, 1947), de Maria de Lourdes Teixeira (*Raiz Amarga*, 1960), de Helena Silveira (*Na Selva de São Paulo*, 1966) (BOSI, 1994, p. 421).

É interessante observar a escolha feita por Bosi: além de optar pela menção de apenas uma obra de Dinah – quando Bosi publica sua história, em 1970, a autora já contava com mais de 10 livros – ele elege *As noites do Morro do Encanto*, coletânea de contos para a qual normalmente é dado menor destaque, tanto nas histórias da literatura como nos escassos estudos voltados aos textos de Queiroz.

Wilson Martins (1979), ainda que sua obra não seja uma história da literatura, é aqui analisado tendo em vista que, por ele, a autora é citada dez vezes no sétimo e último volume de sua *História da inteligência brasileira*. Queiroz é primeiramente mencionada dentre os romancistas que surgem no ano de 1939, fazendo alusão, assim, a *Floradas na serra*. A citação seguinte coloca a obra *A sereia verde* ao lado de outras publicadas em 1940 – *O desconhecido*, de Lúcio Cardoso e *Saga*, de Erico Verissimo, por exemplo – sobre as quais afirma: “As letras urbanas, quando calhava, eram também pessimistas e nostálgicas, mas, nesse caso, por motivos diferentes, e, mesmo, opostos, isto é, por colocarem a utopia no futuro, e não no passado” (MARTINS, 1979, p. 146). Mais adiante, novamente o autor fará referência às duas obras já por ele citadas – quanto a *Floradas na serra*, mais especificamente à sua 4ª edição -, ainda dentre os autores contemporâneos daquele momento, apresentados como “‘dignos de sua época’, mantendo e expandindo o projeto de 1922 por meio de obras tão numerosas quanto significativas” (MARTINS, 1979, p. 178). Ao tratar do surgimento de algumas revistas literárias, Martins inclui o romance *Margarida La Rocque* dentre aqueles matéria de comentários nas páginas de tais periódicos. Martins ainda irá citar as obras *A muralha*, *O oitavo dia*, *As noites do Morro do Encanto*, *Eles herdarão a Terra*, além das sexta e oitava edições de *Floradas na serra*. Os livros de Dinah são sempre referidos dentro de longas listas de autores e suas obras, que se repetem ao longo de todo o volume. Em tais listas, cabe destacar as menções feitas de *As noites do Morro do Encanto* e da oitava edição de *Floradas na serra*. No primeiro caso, Martins inclui a obra em uma lista em que também constam, por exemplo, *A cidade e a roça*, de Rubem Braga, *Fala amendoeira*, de Carlos Drummond de Andrade e *Arruanda*, de Eneida. Para o autor, nessas obras encontra-se uma nacionalidade brasileira já “madura”:

Mas, na verdade, ser “brasileiro”, em termos de ficção, não significava mais necessariamente ser “regionalista” ou protestatário; dir-se-ia que, tendo, afinal, amadurecido o “instinto de nacionalidade” celebrado por Machado de Assis em páginas famosas, os escritores se debruçavam agora sobre os vários retratos psicológicos possíveis do *homo brasiliensis* (predominantemente urbano). Nas crônicas, nos contos e no romance, era essa a imagem mais frequente (e variada) do Brasil (MARTINS, 1979, p. 388).

No segundo caso, *Floradas na serra*, ao abordar as obras publicadas em 1955, Martins menciona sua oitava edição e aponta que o romance

parecia marcar o tom para as letras de ficção. De fato, obras ‘sociais’ como *Fogo Verde*, de Permínio Asfora; *Os posseiros*, de Maria Alice Barroso; *Sangue na pedra*, de Ibiapaba Martins; *A hora próxima*, de Alina Paim (...) - eram, não apenas pouco numerosas, como pareciam assinalar um retrocesso nas letras brasileiras: ‘Quem o diria’, escrevia eu a esse propósito; ‘eis que a literatura brasileira, em pleno ano de 1955, parece querer voltar atrás e repetir os maus romances ‘sociais’ que se publicavam na década de 30! Apaga-se, de repente, um quarto de século de evolução literária; desmente-se a ideia de que tais livros não passaram, naquele tempo, de moda transitória, sem nenhum valor estético (...)’ (MARTINS, 1979, p. 351).

Não se pretende aqui fazer juízo de valor em relação ao referido romance de Dinah; no entanto, questiono a classificação de obra “social” empregada pelo autor, pouco eficiente em agrupar *Floradas* às obras citadas, tão diferentes entre si. Além disso, considerar passagem de tempo como sinônimo de evolução literária é já em 1979 - quando o autor publica o volume aqui analisado – um conceito retrógrado para ser recuperado acriticamente.

Massaud Moisés (2001), no terceiro volume de sua obra, no qual aborda o Modernismo (de 1922 até a atualidade), coloca Dinah entre os autores de prosa que fariam parte de “tendências contemporâneas”, ao lado de nomes como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Antônio Callado e Carlos Heitor Cony. Sobre a autora, Moisés, ao compará-la com Maria de Lourdes Teixeira, afirma:

Outra paulista, Dinah Silveira de Queiroz (1910 (sic) – 1982) igualmente cultivou o romance, mas buscando plagas fora de S. Paulo. *Floradas na Serra* (1939), narrativa de estreia, romanticamente lírica, que conheceu a fama de um verão cinematográfica e a que a autora deveu muito do renome desfrutado em vida, passa-se em Campos do Jordão. *Margarida La Rocque* (1949), ambientado na época colonial, com traços de fantástico; *A Muralha* (1954) e *Os Invasores* (1965), em torno da saga dos bandeirantes, - são romances históricos, com as virtudes e limitações desse tipo de ficção. *Verão dos Infieis* (1968) situa-se no Rio de Janeiro, ao redor de problemas existenciais, desencadeados pelas mudanças dos anos 60. Ainda publicou três livros de contos: *A Sereia Verde* (1941), *As noites do Morro do Encanto* (1957) e *Comba Malina* (1969); neste último e em *Eles herdarão a Terra* (1960) exercitou-se na ficção científica. *Eu venho* (Memorial de Cristo/I) (1974) e *Eu Jesus* (Memorial de Cristo/II) (1977) registram-lhe os sentimentos religiosos desenvolvidos nos derradeiros anos de existência (MOISÉS, 2001, p. 359).

Moisés, dentre os autores analisados, ainda que de forma breve e sem mencionar todas suas obras, é aquele que mais se dedica à abordagem dos diferentes gêneros produzidos pela

escritora. Mesmo se tratando da segunda história mais recente analisada neste trabalho - logo, a segunda mais distante do período temporal em que Queiroz tinha grande notoriedade entre público e crítica - o livro de Moisés traz o registro da variada literatura produzida por Dinah, o que pode ser considerado como um indicativo de sua relevância para a literatura brasileira.

José Alderaldo Castello (1999), apesar de ter uma das obras mais recentes aqui analisadas, apresenta Dinah - assim como o faz o já citado Alceu Amoroso Lima - dentre outros autores (Mário Donato, Geraldo Santos, Helena Silveira e Lygia Fagundes Telles) como presos ao universo paulistano e paulista. Ainda sobre autora, Castello irá afirmar: “Dinah Silveira de Queiroz, que estreia com *Floradas na Serra*, situada em Campos do Jordão, paisagem de recuperação física, (...) enveredaria pelo romance de inspiração no passado histórico paulista” (CASTELLO, 1999, p. 469-470). Em nota de rodapé, relacionada a esta última citação, o autor ainda aponta: “Dinah Silveira de Queiroz, *Floradas na Serra* (romance), 1939; *Margarida La Rocque* (romance), 1949; *A muralha* (romance), 1954; e *Verão dos Infiéis*, 1969” (CASTELLO, 1999, p. 470). Tal nota demonstra grande desconhecimento de autora e obra, visto que, dos quatro romances mencionados, somente *Floradas na Serra* e *A muralha* se passam em São Paulo; *Margarida La Rocque* e *Verão dos infiéis* são ambientados na França do século XVI e no Rio de Janeiro da segunda metade do século XX, respectivamente. O caso de *Verão*, ainda, contraria o “passado histórico” mencionado pelo autor. Além disso, pode ser citado todo o restante da obra de Dinah, não registrado por Castello, e que também não se enquadra na classificação bastante limitadora atribuída à escritora.

Carlos Nejar (2007) é quem dispensa mais espaço à autora – cerca de duas páginas. Dentro do capítulo “O romance de Trinta e seus afluentes”, é colocado o tópico “Dinah Silveira de Queirós e *A muralha*” – o autor utiliza esse mesmo formato de texto para abordar outros escritores, como, por exemplo, Orígenes Lessa e Osman Lins. Nejar, além de dar destaque ao romance referido no título do tópico, traz uma breve biografia da escritora e uma longa crítica em relação a obra de Queiroz, de caráter impressionista, da qual reproduzo aqui uma passagem:

Dinah foi jornalista, radialista, crítica, cronista, contista, autora de ficção científica e romances. Tinha uma inteligência múltipla e extraordinária. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Dama fidalga que acolhia os colegas de ofício no Encontro de Escritores, em Brasília, era simultaneamente trabalhadora infatigável. E de tal maneira sua ficção com ela se parecia, que, às vezes, nessas recepções em Brasília, tinha-se a impressão de que ela escapava de algumas de suas páginas, ou as páginas escapavam dela, resvalantes. (...) Dinah captura o leitor com astuciosa ciência narrativa, e suas criações mais imperiosas são as mulheres como Isabel, Mãe Cândida, Margarida, Rosália, Guida. E ênfase – imperiosas – porque nascem de dentro



para fora, porque já vêm com alma pronta, a que Dinah lhes confere (NEJAR, 2007, p. 336-337).

Como se observa na citação, além de traçar suas críticas, Nejar faz o registro da atuação de Dinah em outros campos que não o literário – único dos autores pesquisados que traz essa observação. Além de considerações de ordem crítica, é apresentada também uma listagem das obras de autora, com a indicação do gênero de cada uma. Mas, diferentemente de Moisés, que faz apontamentos, ainda que breves, sobre cada uma das obras, Nejar não expõe comentários específicos em sua lista.

Por fim, serão abordadas as obras da italiana Luciana Stegagno Picchio (1997) e do português José Osório de Oliveira (1964). Este, autor da primeira *História breve da literatura brasileira* em Portugal, no capítulo “Aspectos do romance brasileiro”, enumera uma série de autores. É dado destaque ao até então único romance de Dinah - Oliveira escreve sua história em 1939, e esse dado não foi atualizado na edição consultada. Ele afirma que

não desejava insistir na enumeração de nomes, mas já basta a injustiça involuntária de não citar romancistas de valor que não conheço, como José Geraldo Vieira, Gilberto Amado e Amadeu de Queirós, ou que não pude reler, como Godofredo Rangel, Guilhermino César e Emil Farhat, e a injustiça fatal de vos impor o meu critério sem que os autores analisados possam beneficiar, junto de vós, da diversidade de opiniões a seu respeito. Quero, por isso, aludir ainda a dois casos individuais: o de Gastão Cruls, que pode aplicar a um romance fantástico, *A Amazônia Misteriosa*, aquela imaginação que, sendo a sua maior qualidade, prejudica os seus outros romances, e o de Dinah Silveira de Queirós, que, com o seu primeiro, e até agora, único romance, *Floradas na Serra*, fez esta coisa simples e extraordinária, que é rasgar uma nova janela sobre a vida, só porque a soube amar na própria dor, e isso no meio de uma literatura como a brasileira, que parece, às vezes, apostada em a denegrir. Por essa sua rara virtude coloquei, uma vez, o livro de Dinah Silveira de Queirós a par da *Cabocla* de Ribeiro Couto – esse romance matinal, de tão grande frescura e de tão simples mas rara beleza (OLIVEIRA, 1964, p. 149-150).

Oliveira, assim, ao mesmo tempo em que elogia *Floradas*, faz uma crítica negativa a um aspecto da Literatura Brasileira: a forma como seria abordada a questão da dor pessoal – crítica essa que, por sua tentativa de generalização, perde a oportunidade de uma contribuição mais sólida. Ainda assim, é interessante que, conforme o autor mesmo informa, mesmo não sendo incluída apreciação de tantos outros “romancistas de valor”, Dinah Silveira de Queiroz é um dos casos que Oliveira especificamente opta em registrar.

Picchio, uma das mais importantes especialistas europeias em literatura brasileira, publica seu livro mais de três décadas após a primeira edição da obra de Oliveira. A autora cita Queiroz em três momentos: primeiramente, no capítulo intitulado “1964-1996: dos anos do golpe ao fim do século”, mais especificamente dentro do tópico “A escrita das mulheres”.

Dentre a apresentação de escritoras como Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon e Edla Van Steen, Picchio dedica um breve parágrafo à autora:

Também cronista e dramaturga, teatróloga e crítica literária, Dinah Silveira de Queirós (1910 (sic) - 1982), descendente de ilustres bandeirantes paulistas, afirma-se com *Floradas na Serra* (1939), história de amor ambientada num sanatório de Campos do Jordão, dedicando-se depois com êxito ao romance histórico de tema nacional (*Margarida La Rocque – A ilha dos demônios*, 1949; *A muralha*, 1954; *Verão dos infiéis*, 1968 até *Eu venho – Memorial de Cristo I*, 1974, à narrativa breve de requintada elaboração de *A sereia verde*, 1947 e de *Café da manhã*, 1969) (PICCHIO, 1997, p. 648-649).

Aqui novamente parece haver certa negligência na categorização empregada a suas obras: é bastante discutível a classificação de *Margarida La Rocque* e *Verão dos infiéis* como romances históricos – por outro lado, *Os invasores*, que melhor se encaixa nessa definição, não é citado. Além disso, *Café da manhã* é uma coletânea de crônicas, enquanto *A sereia verde*, de contos – e ambos surgem como “narrativa breve”. Entretanto, Picchio, diferentemente dos demais autores, é meticulosa ao incluir Dinah em dois outros momentos de sua obra. Ainda no mesmo capítulo já citado, porém no tópico “Ficção científica, esoterismo e astrologia como últimas utopias”, a autora irá afirmar que o gênero da ficção científica no Brasil consolida-se entre as décadas de 1960 e 1990, tendo sido inaugurado com *Eles herdarão a Terra* (1960), de Dinah Silveira de Queiroz, no qual a autora “acentua aquele gosto pelo fantástico que já havia inspirado *Margarida La Rocque (A ilha dos demônios)*, 1950 (sic)” (PICCHIO, 1997, p. 651). Posteriormente, no capítulo “Teatro, música popular, cinema. A crítica. O ‘estilo brasileiro’”, no tópico “Dos anos setenta ao fim do século”, Picchio inclui Dinah ao lado de nomes como Adonias Filho, Walmir Ayala e Renata Pallottini que, sendo primeiramente escritores de outros gêneros, “foram tentados pela escrita dramática e deram ao teatro textos literariamente de prestígio, embora nem sempre levados à cena” (PICCHIO, 1997, p. 689). É justo o caso de Dinah: não se encontrou registro de que sua peça *O oitavo dia* tenha sido encenada.

### 3 Considerações finais

Dinah Silveira de Queiroz, apesar de pouco conhecida e pesquisada atualmente, é figura constante nas histórias da literatura brasileira: das 11 obras consultadas, a autora consta em 10, inclusive naquelas escritas por autores não brasileiros. É interessante observar que, se por um lado sua presença em alguns casos não vai além de mera citação de seu nome – como nas obras de Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi - em outros é reservado para Dinah um lugar de destaque, ao lado de grandes nomes da literatura brasileira, como Clarice Lispector, Guimarães Rosa e

Lygia Fagundes Telles; mesmo em obras mais recentes, como as escritas por Moisés, Nejar e Picchio, distantes do período de maior popularidade da autora, é dedicado um espaço significativo ao registro e apreciação da obra de Queiroz. Considerando essas informações, chama ainda mais a atenção a escassa pesquisa sobre sua obra e o pouco conhecimento acerca da autora atualmente, visto que, conforme Schmidt, as histórias da literatura têm papel fundamental na construção do cânone e de legitimação ou não de obras literárias (SCHMIDT, 2017).

Outra questão que fica evidente é que, com alguma frequência, - como nos casos das histórias de Afrânio Coutinho, Alceu Amoroso Lima, José Alderaldo Castello e Massaud Moisés - a escritora é ligada ao espaço urbano, sobretudo ao paulista, seja pela sua origem pessoal ou pela temática de seus livros - questão bastante discutível, como já foi aqui apresentado, visto que apenas parte de suas obras se passam em um ambiente urbano ou mesmo em São Paulo. Essa colocação, no entanto, parece muito mais relacionada aos projetos de escrita de histórias empreendidos pelos três autores mencionados - projetos esses que em muito dialogam com o que Viana Moog em 1942 chamou de “arquipélago cultural” - do que propriamente a uma análise mais profunda da literatura produzida por Dinah. Moog, ao criticar a ineficiência do critério cronológico para a escrita de histórias das literaturas, principalmente quando se trata de uma literatura tão heterogênea como é a brasileira, apresenta a seguinte proposta:

Qual então o sistema interpretativo que mais se lhe ajusta? Tenho para mim seja o de análise dos núcleos culturais cuja soma forma o complexo heterogêneo da chamada literatura brasileira. Fragmenta-se o Brasil em regiões onde predominem o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas formas de produção, e o problema ficará imediatamente simplificado. Lá onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade pode ter-se a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido, formando como que uma unidade à parte no conjunto da literatura brasileira. Porque, sob este ângulo, apesar da continuidade do território, não constituímos um continente: somos antes um *arquipélago cultural*<sup>5</sup>. Como muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas (MOOG, 1983, p. 19-20).

A partir dessa afirmação, Moog declara a existência de sete “ilhas” em território brasileiro: Amazônia, Nordeste, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Metrópole. Essa classificação, apesar do mérito em reconhecer diferentes regiões culturais no Brasil, tem suas limitações. Sobre isso, afirma Verissimo:

Muitos críticos discordaram dele [Moog] violentamente, porque descobriam naquelas mesmas ilhas muitos escritores que não se ajustavam ao quadro. Bom, eu por mim penso que Vianna Moog está “mais ou menos” certo. Seu

---

<sup>5</sup> Grifo meu.

método, embora não seja rigoroso (e o que é rigoroso?), serve ao menos como um ponto de partida inteligente para estudar a cena literária brasileira em partes, dando a cada região seu sentido humano e artístico (VERISSIMO, 1995, p. 22).

Novamente, apesar do valor da proposta, conforme aponta Verissimo, tal acontece aos autores que tentaram adotar a proposta de Moog, ao colocar Dinah em uma ilha cultural - São Paulo, nesse caso – é reduzido o alcance de sua obra. E, me valendo do argumento do próprio Moog, afirmo que, se tratando de uma produção literária tão extensa e diversificada como foi a de Dinah Silveira de Queiroz, o critério da “ilha cultural” mostra-se, ao abordá-la, pouco eficaz. Por fim, cabe ainda assinalar que a obra mais citada da autora é *Floradas na serra* – o livro é mencionado em oito das 10 histórias em que há presença de Queiroz; contribui para isso o fato de que, no caso das publicações de Verissimo e Oliveira, por uma questão de datas, *Floradas* era o único livro até então editado. O último romance de Dinah, *Guida, caríssima Guida*, “livro extraordinário de fabulação” (MUZART, 2013, p. 164), por exemplo, surge apenas registrado por Nejar, no momento em que são listadas as obras da autora. Fato é que, mesmo pouco lida, o legado da autora permanece, seja quando ela figura em uma história da literatura, seja quando uma nova escritora passa a integrar a Academia Brasileira de Letras.

## REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Acadêmicos. *Dinah Silveira de Queiroz: Biografia*. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/dinah-silveira-de-queiroz/biografia>>. Acesso em: 4 out. 2017.
- ALVES, Dário Moreira de Castro. *Dinah, caríssima Dinah*. Brasília: Horizonte, 1989.
- AMORA, Antonio Soares. *História da literatura brasileira*. 7.ed. São Paulo: Saraiva, 1968.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BASTOS, Alcmeno. *Dinah Silveira de Queiroz*, cadeira 7, ocupante 7. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014 (Série Essencial).
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 2 v.
- CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500 – 1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 2.v.
- CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>>. Acesso em: 6 nov. 2017.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FANINI, Michele Asmar. As mulheres e a Academia Brasileira de Letras. *História (São Paulo)*, Franca, v. 29, n. 1, 2010, p. 345-367. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742010000100020>>. Acesso em: 26 out. 2017.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Quadro sintético da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora: 1959.

- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979. 7. v.
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira: Modernismo (1922 – Atualidade)*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. 3.v.
- MOOG, Clodomir Vianna. *Uma interpretação da literatura brasileira: um arquipélago cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Antares; Brasília: INL, 1983.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Lembrando Dinah Silveira de Queiroz. *Navegações*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, jul./dez. 2013, p. 162-169. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/16790>>. Acesso em: 2 out. 2017.
- NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: da carta de Pero Vaz de Caminha à contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Copesul, 2007.
- OLIVEIRA, José Osório de. *História breve da literatura brasileira*. 5. ed. Lisboa: Editorial Verbo, 1964.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de ficção - de 1870 a 1920*. São Paulo: José Olympio, 1950.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Tradução Pérola Carvalho e Alice Kyoko. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Centro e margens: reflexões sobre a historiografia literária. In: SCHMIDT, Rita Terezinha. *Descentramentos/convergências: ensaios de crítica feminista*. Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- VERISSIMO, Erico. *Breve história da literatura brasileira*. Tradução Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.
- VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. 5. ed. Brasília: UNB, 1998.

**Artigo recebido em fevereiro de 2018.**

**Artigo aceito em abril de 2018.**